

A (RE)CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES DOCENTES EM TEXTOS MIDIÁTICOS SOBRE O TRABALHO DO PROFESSOR

Marcia Cristina Neves Voges¹
Maria Alzira Leite²

RESUMO: Objetiva-se neste artigo analisar o movimento de (re)construção docente nas representações sobre o professor e o seu trabalho em espaço midiático. A fundamentação teórico-metodológica baseia-se no Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) (BRONCKART, 1999) e nos procedimentos de análise do agir humano representado em textos. A análise dos comentários será pautada em aspectos sócio-subjetivos do terceiro nível da arquitetura textual: os mecanismos enunciativos (BRONCKART, 1999). Esses mecanismos se apresentam como marcas discursivas e auxiliam o esclarecimento de posicionamentos enunciativos do professor na sua atividade. Revelam diversas avaliações (re)construídas pelos sujeitos em seu dizer, a partir de elementos do conteúdo temático que se apresenta em forma de comentários sobre o Dia do Professor. Ao descrever os enunciados e suas funções enunciativas, buscamos revelar o que aparece nas formações discursivas e o que implica para que ocorra a (re)configuração das representações que esses professores cristalizam sobre si e sobre o trabalho docente. Essas representações emergem da atividade linguageira do professor, de suas experiências e dos desafios no trabalho. Percebe-se que o professor é voz dele mesmo ao se constituir autor no ambiente midiático, ele não fala sozinho, ao se manifestar representa as vozes que ecoam e se perpassam em espaços onde representa e é representado.

Palavras-chave: Trabalho docente; Interacionismo Sociodiscursivo; Espaço midiático.

THE (RE) CONSTRUCTION OF TEACHER REPRESENTATIONS IN MIDI TEXTS ON TEACHER'S WORK

ABSTRACT: The objective of this article is to analyze the teacher (re) construction movement in the representations about the teacher and his work in the media space. The theoretical-methodological foundation is based on Sociodiscursive Interactionism (ISD) (BRONCKART, 1999) and on the procedures of human action analysis represented in texts. The analysis of the comments will be based on socio-subjective aspects of the third level of textual architecture: the enunciative mechanisms (BRONCKART, 1999). These mechanisms present themselves as discursive marks and help to clarify the enunciative positions of the teacher in his activity. They reveal several evaluations (re) constructed by the subjects in their saying, from elements of the thematic content that presents in the form of comments on Teacher's Day. In describing the statements and their enunciative functions, we seek to reveal what appears in the discursive formations and what it implies in order for the (re) configuration of the representations that these teachers crystallize about themselves and about the teaching work. These representations emerge from the teacher's linguistic activity, from his experiences and from the

¹ Possui graduação em Letras Português pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, Especialização em Docência e Tutoria pela PUCRS e Estudos Linguísticos do Texto pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Mestranda em Letras - Bolsista CAPES - UniRitter.

² Possui Graduação em Letras pelo Centro Universitário de Belo Horizonte; Especialização em Psicopedagogia - Ênfase Em Ensino Especial e Inclusão; Mestrado em Letras: Linguística e Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica De Minas Gerais; Doutorado em Letras: Linguística e Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; Pós-Doutorado em Linguística Aplicada pela Unicamp.

challenges at work. It is perceived that the teacher is a voice of himself when he is an author in the media environment, he does not speak alone, when he manifests it represents the voices that echo and perpass in spaces where he represents and is represented.

Keywords: Teaching work; Sociodiscursive Interactionism; media space.

1 Introdução

O trabalho do professor vem sendo motivo de muitas matérias na mídia, seja pela sua atividade profissional efetiva ou pela sua desvalorização. Assim, num construto que vem desde o início da educação no Brasil, com o advento da colonização e com a chegada dos Jesuítas, com seu caráter missionário, novos paradigmas surgem e vão provocando no ambiente educacional mobilizações que serão importantes para a continuidade dessa construção histórica. Em vista disso, vai se esmaecendo o propósito da educação da Era Industrial, que era o de treinar as pessoas para mão de obra da indústria, e de onde vem a ideia de sala de aula como um reflexo do modelo de produção das fábricas.

Ademais, o crescimento das tecnologias na educação está desafiando professores a manter uma atualização constante de suas práticas. As TICs (Tecnologias de Informação e comunicação) trouxeram junto consigo um novo olhar do aluno sobre a educação; esse discente não vai mais a aula apenas para receber aula, ele vai para interagir e construir seu conhecimento junto ao professor, aos colegas e à instituição de ensino (DEMO, 2009). Para tanto, tornam-se colegas em comunidades de aprendizagens e, com isso, vem suprimindo a expressão colegas de sala. Se o perfil aluno mudou, altera-se, também, a representação de escola e de corpo docente. Fator esse que evidencia a necessidade de atualização do profissional da educação nessa nova era tecnológica e digital.

Não só os atores desse cenário estão mudando, mas o cenário também está, ou pelo menos, ajustes estão sendo feitos para acompanhar essas mudanças. Enquanto reformas estão sendo realizadas na educação como um todo, as tecnologias vão se integrando a esse cenário. Por isso, novas modalidades de ensino surgem com o advento da internet. Modelos de ensino como o híbrido misturam métodos de aprendizagem on-line e presencial; o professor se torna um mediador e ao aluno fica de protagonista do seu aprendizado.

As modalidades de ensino que se apresentam, na instância tradicional ou pautada pela internet, todas têm especificidades para gerir o seu trabalho. Contudo, vemos entrecruzado nessas modalidades o sujeito que trabalha, o professor. O trabalho do professor também traz suas especificidades e uma delas “é que seu objeto de trabalho são as outras pessoas, cujas estruturas psíquicas se quer transformar”. (ÉRNICA apud MACHADO, 2004, p. 110). Com

isso, algumas características parecem que precisam estar inerentes ao trabalhador professor, como organização, disciplina, motivação, comunicabilidade, autoconfiança e, nos dias de hoje, as habilidades tecnológicas. Tudo isso para que se dê essa transformação do seu objeto de trabalho. Observamos, ainda em ÉRNICA (op.cit.), que:

as práticas educacionais instauram um universo de tensões culturais e psíquicas que envolvem tanto o modo como todos os agentes envolvidos constroem representações de si mesmos, os outros e o mundo ao seu redor quanto representações que eles constroem sobre os objetos, as práticas e os objetivos e de ensino.

Diante do que foi exposto acima, o professor sob vários aspectos é levado a se desvincular da “visão de uma educação em massa na qual o professor é o detentor do saber” (ARAÚJO; ARAÚJO, 2013, p. 67) para “apresentar-se como um parceiro mais experimentado do que dono prepotente e disciplinar desse saber.” (DEMO, 2009, p. 32). A figura do professor vai se delineando na perspectiva não mais de um trabalho individualista, mas que se (re) configura no eixo da coletividade e da superação na profissão onde a atualização é condição para sua empregabilidade (DEMO, 2009, p3) numa sociedade educacional pontuda pelo sentimento de insegurança, de mal-estar e de estresse (MACHADO, 2004).

2 A Teoria do Interacionismo Sociodiscursivo

Jean Paul Bronckart, na década de 80, em Genebra, dá início aos estudos sobre o Interacionismo Sociodiscursivo. Essa teoria advém mais especificamente do Interacionismo Social (IS) de posição epistemológica ligada às correntes filosóficas e às ciências humanas. Tanto no Brasil como no exterior, grupos de estudo são criados para auxiliar na construção dessa nova ciência (MACHADO, 2004).

Referente à construção da corrente epistemológica, Bronckart fundamenta os pressupostos teóricos do Interacionismo Sociodiscursivo no círculo de Bakhtin, com as noções sobre interação dialógica, gêneros discursivos e análise metodológica da atividade de linguagem, também se vale de outras concepções teóricas, tais como em Vigotsky sendo por meio da interação humana que o sujeito desenvolve não só a linguagem, como também as suas ações; em Marx, com a sua diferenciação entre trabalho verdadeiro e alienado; a teoria da atividade de Leontiev e as dimensões coletivas do agir humano; a visão sobre a linguagem em sua dimensão comunicativa, de Habermas; em Ricour, Bronckart retoma e reformula a teoria da reconfiguração nos e pelos textos narrativos (BRONCKART, 1999, p.13). Com essa incorporação de diferentes olhares das ciências linguísticas, psicológicas e sociológicas,

Bronckart também irá pautar seus estudos no Interacionismo Social que inscreve as proposições dessa teoria da psicologia da linguagem no aceite, como condutas humanas, todas as unidades linguísticas por menores que sejam. No Interacionismo Social são as condições de aquisição e de funcionamento dessas unidades linguísticas que interessam a Bronckart. Essa atitude embasa, conforme Ferreira (2015, p. 27), a sua proposição que rejeita a divisão existente das Ciências Humanas e das Ciências Sociais, se distanciando dela em busca da construção do que ela chama de *ciência do humano*.

Segundo Bronckart (2009), as ações humanas podem ser apreendidas por meio do sociológico, através de ações constantes, nas quais podem participar vários agentes em uma ou várias formações sociais; e por meio do psicológico, onde as ações estão ligadas à utilização das formas comunicativas que se encontram em uso em dada formação social. Nesse sentido, o ISD fundamenta seus pressupostos teóricos em Bakhtin e Vigotski, apropriando-se de uma abordagem descendente dos fatos languageiros, na práxis, na dimensão ativa e prática das condutas humanas gerais e verbais que provém de trabalhos de Volochinov e Bakhtin (BRONCKART, 2006). “A tese central do Interacionismo Sociodiscursivo é que a ação constitui o resultado de apropriação pelo organismo humano, das propriedades da atividade social mediada pela linguagem.” (BRONCKART, 1999, p. 42).

Dessa forma, estrutura a sua teoria da ciência do humano, em um método de análise descendente, em três níveis: no primeiro nível, as dimensões sociais, onde há uma análise dos pré-construídos sócio-históricos que englobam os fatos sociais, as atividades gerais e as de linguagem. No segundo nível, ocorre a transmissão, a apropriação e a reprodução dos pré-construídos e que se referem aos processos de mediação formativa. Por último, no terceiro nível, há uma análise dos efeitos das mediações formativas e da apropriação referente à construção do sujeito (FERREIRA, 2015).

Numa perspectiva de análise do desenvolvimento humano, O ISD se envolve quanto à construção do sujeito pelas suas ações de linguagem vemos que isso fica indissociável da construção geral da pessoa humana. Habermas (1987 apud Bronckart, 1999) denomina como agir comunicativo a linguagem que o homem produz em contextos de trabalho e através da análise dessa linguagem se constrói a concepção do agir humano.

Ferreira (2015) citando Bronckart (1999), diz que esse agir humano se concretiza numa ação do sujeito num mundo objetivo onde se constitui pelo conhecimento elaborado na sócio-história humana, que se tem sobre o meio físico e o que este impõe em cada ação, num mundo subjetivo que engloba os conhecimentos que o sujeito tem de si mesmo e a respeito do

que os outros pensam de si, um mundo social que se refere a todas as normas sociais que este sujeito está inserido.

No quadro analítico, faremos um estudo breve sobre os níveis de análise estudados no ISD. Em primeiro lugar, apresentamos o contexto de produção e os parâmetros que definem o contexto físico. Vejamos como se caracteriza esse contexto de produção: a) lugar de produção, sendo a representação do lugar físico em que o texto é produzido. b) o momento de produção é a representação da extensão do tempo durante o qual o texto é produzido. c) emissor que é a representação da pessoa que produz fisicamente o texto (oral ou escrito) e o receptor que está centrado na representação da(s) pessoa(s) que pode(m) perceber ou receber concretamente o texto. (BRONCKART, 1999, p. 93). Ao trazermos os quatro parâmetros que embasam a teoria de que o texto verbal se realiza no contexto de produção, vemos em Bronckart (1999) que a produção de texto envolve interações comunicativas que implica os mundos social e subjetivo, e dá origem ao que o autor chama de sócio-subjetivo, que pode ser decomposto nos quatro parâmetros já ditos acima, sendo: a) lugar social -instituição ou outro tipo de interação em que o texto é produzido; b) enunciador posição - social assumida pelo enunciador na interação em curso; c) destinatário - posição social atribuída ao receptor (participante da pesquisa) do texto; d) objetivo(s) da interação - efeito que o texto pode produzir no destinatário (participante) a partir do agir linguageiro do enunciador (pesquisador) ao qual o texto está articulado. (BRONCKART, 1999, p. 93).

Num segundo momento, apresentaremos o que se constitui no folhado textual, aparelho conceitual próprio do ISD, (BRONCKART, 1999, p. 119), que é composto por três níveis: a infraestrutura geral do texto, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos. Quanto aos mecanismos de textualização, responsáveis pela coerência temática e linearidade no texto, encontram-se três categorias: mecanismo de conexão, mecanismos de coesão nominal e mecanismos de coesão verbal.

Os mecanismos de textualização auxiliam na formação discursiva do enunciado, colocando o sujeito desse contexto discursivo em algum lugar ou posição. Já os mecanismos de enunciação evidenciam o posicionamento enunciativo no discurso. Aqui, nosso estudo focará as modalizações que pertencem a este nível de análise e contribui para a coerência no texto, explicitando julgamentos, avaliações, opiniões, sentimentos entre outros de categoria pragmática.

Para isso, primeiro nos deteremos nos mecanismos enunciativos, que explicitam qual tipo de engajamento enunciativo em ação que está no texto. Assim, poderemos considerar as

vozes e as modalizações que se caracterizam por apresentar essas representações que o próprio enunciador constrói de si mesmo. Conforme Bronckart (1999), o termo vozes pode ser definido como personagens (entidades) que assumem ou se atribui o que é dito, visto ou pensado (enunciado) no texto, vozes sociais e voz do autor. Nesse sentido, ressaltamos os três tipos de vozes, a voz neutra (do autor empírico) que é mobilizada em um determinado tipo de discurso, advém da origem da produção textual, comentando e avaliando os aspectos mencionados em um texto; a voz social (grupos ou instituições sociais) que não intervêm como agentes de um determinado texto, são aludidas como instâncias externas de avaliação.

Em segundo, reafirmamos no trabalho de análise de texto, feito por meio do ISD, no destaque dado a importância das modalizações para a identificação de aspectos importantes na interação verbal. Vimos que a avaliação por modalização privilegia as marcas que caracterizam um posicionamento que se revela na atitude enunciativa do enunciador, por meio de seus julgamentos, opiniões e sentimentos, acerca do que é dito (BRONCKART, 2009, p. 330). Elas são unidades ou conjunto de unidades linguísticas de níveis diferentes: a) modalização lógica (epistêmica) - está na ordem dos saberes e corresponde à avaliação daquilo que é dito; b) modalização deontica que equivalem à avaliação do conteúdo temático, porém a partir de critérios que constituem o mundo social. Sua organização se dá nos limites do direito, da obrigação social, regras e da conformidade com as normas em uso e consideram os determinantes externos do agir; c) modalização apreciativa - tem grau de avaliação subjetiva e diz respeito à avaliação do conteúdo temático, a partir do mundo subjetivo da voz (posição subjetiva) que julga e avalia (suas representações); d) modalização pragmática - está no eixo da responsabilidade do enunciador sobre aquilo que é dito por alguma entidade constitutiva do conteúdo temático, como uma instituição, um grupo etc. (BRONCKART, 1999, p. 332.).

Ainda sobre as modalizações, Bronckart (1999, p. 335) nos lembra que muitos autores acrescentam que

as modalidades de enunciado, isto é, valores modais associados aos quatro tipos de frase identificáveis na microssintaxe: frases declarativas, exclamativas, imperativas e interrogativas. Com a perspectiva oriunda da teoria dos atos de fala [...] e portadora, no plano locucional, de valor neutro ou de declaração. No plano ilocucional, as frases declarativas não seriam portadoras de valor nenhum valor suplementar, enquanto as frases declarativas, imperativas e interrogativas, estas sim, seriam portadoras de valor, traduzindo uma ordem ou espanto etc.

Nesse contexto de estudos, ainda temos as vozes que emergem no texto. O conceito de vozes é assegurado pela presença do outro no discurso, podendo ser definidas “como as

entidades que assumem (ou às quais são atribuídas) a responsabilidade do que é enunciado”. (BRONCKART, 1999, p. 326). Sob esse conceito vozes, percebemos que se encontram três categorias gerais: vozes de personagens, vozes de instâncias sociais e voz do autor empírico. Essas vozes que emergem do discurso pertencem aos sujeitos e estão presentes junto desse sujeito em seus discursos em qualquer tempo e lugar. De acordo com Bronckart (1999, p.329), “podem existir múltiplas formas de combinações polifônicas” e essas diversas vozes estão diretamente integradas na construção do texto criando um ou vários mundos discursivos.

A seguir, ressaltam-se três tipos de vozes, a voz neutra (do autor empírico) que é mobilizada em um determinado tipo de discurso, advém da origem da produção textual, comentando e avaliando os aspectos mencionados em um texto; a voz social (grupos ou instituições sociais) que não intervêm como agentes de um determinado texto, são aludidas como instâncias externas de avaliação. Em vista disso, lembramos que o contexto onde o texto é produzido, conforme Bronckart (2006), é “susceptível de exercer influência sobre a maneira pelo o qual o texto está organizado”. Para tanto, a nossa análise se dará por meio dos comentários publicados de três professores, na edição de um jornal, na tiragem conjunta de final de semana, onde são tecidos comentários sobre a profissão docente em contexto da comemoração do Dia do Professor.

3 O Jornal Zero Hora, os comentários dos Leitores e análise desses textos

Os dados analisados são de três textos coletados da seção Comentários, do Jornal Zero Hora, de Porto Alegre, em razão das comemorações referentes ao Dia do Professor. Vale lembrar que o Jornal Zero Hora é bastante tradicional no sul. Faz quase sessenta anos que está junto aos gaúchos transmitindo as informações. Fundado em 1964, é um jornal que contempla a todos independente de classes, sexos e idades, através de seus 12 cadernos e mais de 100 colunistas. Em zerohora.com, o leitor e o internauta podem acompanhar as notícias do Estado, Brasil e do Mundo, 24 horas por dia, 7 dias por semana.

Então, especificamente na seção Leitor, selecionamos os textos para trabalhar nesta análise. Lembramos que esse espaço de fala é construído por fotos, depoimentos, imagens enviadas pelos leitores etc., e abre espaço para o leitor, onde ele mesmo conduz a edição com a sua opinião. Fato esse o fator determinante para empreendermos este estudo com os comentários que logo abaixo deste texto, no quadro 1, estão expostos. Para tanto, o que se objetiva, então, é mapear as diversas vozes que emergem nesses três textos produzidos na

semana da comemoração ao Dia do Professor. Consideramos para análise os professores que discursam sobre a profissão. Esse assunto muito nos interessa fazer parte de uma pesquisa maior que está em andamento sobre o trabalho do professor.

Apresentamos, a seguir, o quadro 1 com a íntegra dos três textos que compunham a seção Leitor numa edição conjunta dos dias 14 e 15 de outubro:

Quadro 1: Comentários feitos pelos professores

Professor 1	Professor 2	Professor 3
<p>Ouvimos grandes falas sobre a importância de ser professor, mas na prática, na realidade, quando se diz “sou professor”, ouve-se um “risinho”, um “coitada”. E piadas: “Não me assalte, sou professor!”. Então, pergunto: como ainda temos tão bons professores, envolvidos e preocupados com seus alunos, que o escolhem e, muitas vezes, dão aquele abraço e afago de que tanto precisam?</p> <p>Muitos desistem, não por covardia, mas por tristeza ou por desencanto. Quantos ainda vão resistir sendo colocados como culpados pela crise financeira e pela baixa qualidade de aprendizagem quando cada vez mais se tira da educação?</p> <p>E, para completar, somos chamados de vagabundos. O que é ser professor hoje?</p>	<p>Infelizmente, a importância do professor tem sido ignorada por alguns na atual sociedade de consumo. Estes esqueceram que o conteúdo assimilado foi porque um professor ensinou com muita dedicação e esforço. Não podemos nos entristecer ou desanimar diante da indiferença. Quantas vezes propiciamos aos alunos transformarem informações em conhecimentos.</p> <p>As sementes foram plantadas e, certamente, algumas germinarão.</p> <p>Veremos os frutos dos dias em que passamos planejando e refletindo sobre as práticas pedagógicas. Segundo a chanceler alemã Angela Merkel, “professores não são pessoas comuns e pessoas comuns não são professores”. Por favor, não escolha ser professor até que você esteja preparado para isso”. Feliz Dia do Professor.</p>	<p>Leciono nas escolas públicas há 35 anos. Durante este período, vivenciei uma perda muito grande de salário, de respeito e de autoridade. Quantas vezes cumpri determinações de instâncias superiores e não pude agir conforme a minha consciência. Sabia que isso era prejudicial a longo prazo para a educação. Dizíamos que tínhamos ampla liberdade para agir, mas dentro de um espaço minúsculo, cerceado por orientações, decretos e pareceres.</p> <p>Hoje vejo que quem toma as decisões sabe pouco e, por isso chegamos onde chegamos. Indignação é o que sinto. Demorou muitos anos para os níveis de conhecimentos, disciplina e respeito caírem, mas também levará muito tempo para reconstruirmos o que se perdeu, isso se tivermos pessoas preparadas para essa função.</p>
Professor – Porto Alegre	Professor – Porto Alegre	Professor – Cerro Largo

Fonte: Jornal Zero Hora – Espaço do Leitor, p.03

Diante da proposta teórica-metodológica apresentada, o ISD, passaremos à análise dos textos por meio dos mecanismos enunciativos como forma de averiguar as representações do trabalho docente que se constroem nos comentários sobre o Dia do Professor nesse canal jornalístico.

4 Análise e discussão dos dados

Para iniciarmos este trabalho, tomaremos o contexto da produção desses textos que está inserido na Semana do Professor onde espaços são ocupados na imprensa para publicações de felicitações ou, até mesmo, reivindicações por elas e para esses trabalhadores da educação. As condições de produções, se analisadas pela teoria do ISD, devem ser pautadas na infraestrutura textual. A infraestrutura textual faz emergir as marcas da situação que se constitui o enunciado. Observamos que o material a ser analisado trata de um gênero textual de opinião, publicado no jornal Zero Hora. Esses comentários se materializam como texto de opinião quando verificamos o local de sua portagem na seção Leitor, onde, de acordo com o veículo de comunicação, “opiniões, fotos ou histórias de leitores devem ser endereçadas à seção Leitor com nome, profissão, endereço e telefone” e “os textos devem ter, no máximo, 700 caracteres, portanto textos curtos, e que ao jornal “reserva-se o direito selecioná-las e resumi-las para publicação.” (ZH, 2017, p3).

Essa Seção Leitor permite uma escrita livre de determinado assunto, mantendo o gênero textual Comentários do Leitor. Apenas prescreve que lhe fique reservado o direito à seleção, resumo, tamanho e identificação. A mesma seção também oportuniza a publicação de fotos que também são enviadas pelos leitores. Observa-se que essa seção no jornal, insere seus leitores numa outra categoria, a de autores. Sendo assim, os professores que fizeram os comentários são elevados a essa categoria de autor. Assim, essa seria mais uma das múltiplas representações que demandam da profissão docente.

Para Bronckart (1999, p. 138), “na escala sócio-histórica, os textos são produtos da atividade de linguagem em funcionamento permanente nas formações sociais: em função de seus objetivos, interesses e questões específicas [...]” que evidenciam o leitor desses textos como um sujeito que aprecie ler críticas e comentários, pela voz de um também leitor/autor tão leitor/cidadão quanto ele.

Como já vimos nas definições, o mecanismo de enunciação analisa marcas presentes na situação da enunciação, aqui, deter-nos-emos nas vozes que emergem dos enunciados. Daqui para a frente, passaremos a identificar nos textos marcas linguísticas que mostrem a presença dessas vozes entre professores que nos trazem uma descrição atual da situação deste profissional, no momento, no Brasil.

Texto P1

Ouvimos grandes falas sobre a importância de ser professor, **mas** na prática, na realidade, quando se diz “**sou professor**”, ouve-se um “**risinho**”, um “**coitada**”. E piadas: “Não me **assalte, sou professor!**”. Então, **pergunta**: como **ainda** temos tão bons professores, **envolvidos** e **preocupados** com seus alunos, que o escolhem e, muitas vezes, dão aquele abraço e afago de que tanto precisam? Muitos desistem, não por **covardia**, mas por **tristeza** ou por **desencanto**. Quantos ainda vão resistir sendo colocados como **culpados** pela crise financeira e pela baixa qualidade de aprendizagem quando cada vez mais se tira da educação? E, para completar, **somos** chamados de **vagabundos**. **O que é ser professor hoje?**

Fonte: Jornal Zero Hora – Espaço do Leitor, p.03

No texto acima, os destaques em negrito, dizem respeito às as várias marcas linguísticas deixadas pelo professor no texto, o que contribui para evidenciarmos as representações de si desses profissionais sobre o exercício de sua função. As modalizações apreciativas, emergentes nas escolhas lexicais - **covardia, tristeza, desencanto, culpados, vagabundos** - são marcas que tendem a um posicionamento pessimista. Nesse ponto, parecem não avaliar positivamente a valorização docente na prática de seu trabalho. Já, se mudarmos o modalizador, essa modalização apreciativa pode também remeter à construção de uma imagem de responsabilidade e comprometimento com a profissão, se o trabalhador se diz - **envolvido e preocupado** – com seus alunos, o professor chama para si uma prescrição da sua atividade, a responsabilidade pelo aprendizado do seu objeto de trabalho.

Os verbos destacados, ora na primeira pessoa do singular ora do plural, são próprios do aparecimento de modalização pragmática, em que o agente tem a certeza da ação e se responsabiliza pela ação. Na modalização deontica presente nos enunciados “quando se diz “**sou professor**”, ouve-se um “**risinho**”, uma “**coitada**”. E piadas: “Não me **assalte, sou professor!**”, esses termos são constitutivos de um mundo social categorizado pela inferioridade entre as profissões.

Nesse texto, P1, como assim foi chamado esse professor, traz um embate de vozes, assim, pelo uso do operador argumentativo - **mas** - na primeira linha, parece indiciar que a voz que emana desse operador argumentativo acentua um abismo que está entre o que se poderia desse trabalhador quer ao mesmo tempo que por intermédio das modalizações mostram que há uma pluralidade de mundos discursivos nos quais essas vozes habitam, refletindo a voz social que deixa transparecer na quando traz o que lhe incomoda quando diz “sou professor”, de modo que se sou professor, logo sou coitado, ganho pouco, não tenho

status na sociedade. Quando diz - **não me assalte, sou professor** – tem uma voz que emana a condição de penúria em que vive, não sendo digno nem para ser assaltado. No seguimento - **muitos desistem, não por covardia, mas por tristeza ou por desencanto** - parece haver a apresentação de uma voz sofredora, evidenciada pela perda dos colegas de profissão por falta de incentivo e valorização. Ainda nesse contexto de análise apresenta a voz da cobrança da sociedade quando no trecho lemos que - **colocados como culpados pela crise financeira e pela baixa qualidade de aprendizagem**. Outra voz que se faz presente é a voz conjunta entre sociedade e poder público, que menosprezam as manifestações desses profissionais e rechaçam o professor: **E, para completar, somos chamados de vagabundos**.

Texto P2

Infelizmente, a importância do professor **tem sido** ignorada por alguns na atual sociedade de consumo. Estes **esqueceram** que o conteúdo assimilado foi porque um professor ensinou com muita **dedicação** e **esforço**. Não podemos nos **entristecer** ou **desanimar** diante da indiferença. Quantas vezes propiciamos aos alunos transformarem informações em conhecimentos. As sementes foram plantadas e, certamente, algumas germinarão. Veremos os frutos dos dias em que passamos planejando e refletindo sobre as práticas pedagógicas. Segundo a chanceler alemã Angela Merkel, “professores não são pessoas comuns e pessoas comuns não são professores”. Por favor, não escolha ser professor **até que** você esteja preparado para isso”. Feliz Dia do Professor.

Fonte: Jornal Zero Hora – Espaço do Leitor, p.03

Esse texto produzido pelo segundo professor, dá margem para que se evidenciem modalizações de cunho pragmático quando sinalizado pelo subconjunto que se encontra o advérbio - **infelizmente** – e no eixo modalizador deôntico traz o elemento - **tem sido** – que se apresenta modalizando a expressão opinativa que o professor tem sobre a importância que é dada aos professores. No eixo da modalização apreciativa, os termos **dedicação** e **esforço**, aparecem como termos inerentes ao trabalho do professor, pois ao usar o verbo **esqueceram** que está no eixo da modalização pragmática, que evidencia a competência de uma voz social que representa a sociedade em que este professor está inserido, que já sabe que o professor se esforça e se dedica. Outro termo que nos chama a atenção é - **até que** – uma modalização deôntica que vem carregada pelo sentido de tempo, pois analisando a estrutura toda - **Por favor, não escolha ser professor até que você esteja preparado para isso** – observa-se a voz de um outro que adverte quanto a ser estar certo da escolha pela carreira docente. Nesse caso, se projeta a própria voz do professor que adverte aconselhando novos professores.

Texto P3

Leciono nas escolas públicas há 35 anos. Durante este período, **vivenciei** uma perda muito grande de salário, de respeito e de autoridade. Quantas vezes **cumpri** determinações de instâncias superiores e não pude agir conforme a minha consciência determinações de instâncias superiores e não pude agir conforme a minha consciência. **Sabia** que isso era prejudicial a longo prazo para a educação. **Dizíamos** que tínhamos ampla liberdade para agir, **mas** dentro de um espaço minúsculo, cerceado por orientações, decretos e pareceres. Hoje **vejo** que quem toma as decisões sabe pouco e, por isso chegamos onde chegamos. **Indignação** é o que sinto. **Demorou** muitos anos para os níveis de **conhecimentos, disciplina e respeito** caírem, mas também levará muito tempo para reconstruirmos o que se perdeu, isso se tivermos pessoas preparadas para essa função.

Fonte: Jornal Zero Hora – Espaço do Leitor, p.03

No terceiro texto, nas palavras em negrito, podemos identificar a presença da modalização pragmática com os verbos – **vivenciei, cumpri, sabia, dizíamos, vejo, demorou** - caracterizando na análise do termo uma experiência no campo do trabalho, em vista disso, expressa também certeza do que está dizendo ao usar os verbos – **vivenciei, cumpri e vejo**. Nessa constituição de modalizações apresentadas em P3, torna-se presente a voz de personagem, ou seja, desse professor e está diretamente implicada no percurso temático (BRONCKART, 1999, p.131). O termo – **indignação** – se caracteriza pela modalização apreciativa, aqui com viés negativo para a construção de um conceito positivo da profissão que este mesmo termo reivindica. Se um profissional de longa data se sente indignado com alguma coisa, mesmo que seja por uma boa causa, que é a de se posicionar contra pessoas sem formação na área e sem conhecimento mínimo do trabalho do professor, mesmo assim, o termo adquire sentidos negativos. Já os termos - **conhecimentos, disciplina e respeito** - aparecem como modalizadores apreciativos positivos, mesmo que aqui, eles estejam sinalizando, dentro do sintagma que estão inseridos, que estão em queda. São termos que estão cristalizados na referência ao professor. Daí emerge uma voz social que é representada pelos professores e pela sociedade.

5 Conclusões

Os resultados alcançados, neste trabalho, evidenciam representações que foram cristalizadas sobre si e sobre a categoria de trabalho dos professores. Esses modos de dizer, nesse contexto profissional, parecem revelar uma atividade de trabalho que é, sim, permeada

por diversas vozes que desafiam e influenciam a (re)construção de representações. Essas representações emergem da atividade linguageira do professor, de suas experiências e desafios desse trabalho.

Percebe-se, também, que o professor é voz dele mesmo ao se constituir autor num espaço midiático. O docente não fala sozinho, ao se manifestar representa, também, vozes que ecoam e se perpassam em espaços como este que ele representa e é representado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARAÚJO, Júlio; ARAÚJO, Nukácia. *EaD em Tela: docência, ensino e ferramentas digitais*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

DEMO, Pedro. *Educação hoje: “novas” tecnologias, pressões e oportunidades*. São Paulo: Atlas, 2009.

BRONCKART, Jean Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. São Paulo: EDUC, 1999.

BRONCKART, Jean Paul. *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Orgs. Anna Maria Rachel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matencio; Tradução Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matencio [et al] – Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006.

BONCKART, Jean-Paul; MACHADO, Anna Rachel; MATENCIO, Maria de Lourdes (orgs). *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Mercado das Letras, SP, 2009.

FERREIRA, Telma S LOUSADA ueli Ferreira. *Representações sobre o agir: caminhos para a compreensão do papel da autoria na EaD*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2015.

ÉRNICA, Maurício. *O trabalho desterrado*. In: Machado, Anna Rachel, org. *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva*. Londrina: Eduel, 2004.

MACHADO, Anna Rachel, org. *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva*. Londrina: Eduel, 2004.

SEÇÃO comentários do leitor. *Zero Hora*, Porto Alegre, p. 3, 14-15 out. 2017.

Recebido em: 02/06/18

Aceito em: 31/08/18